

Semente do Xadrez

I

À época em que morei na cidade de Campinas, um amigo meu, biólogo, certa vez me disse que considerava as sementes uma das criações mais interessantes da natureza.

Dizia ele que foram necessários milhões e milhões de anos até que a vida encontrasse, nas sementes, uma forma de se perpetuar em épocas em que o rigor climático lhe desfavorecia.

Assim conservada, quando novamente em presença de água e luz solar as sementes germinavam, reiniciando um ciclo interrompido milhões de anos no tempo.

II

Quando vi pela primeira vez o Osmar Schmidt, ele estava ajudando o Walter Knoblauch com as inscrições para o Primeiro Aberto do Parque das Gaivotas (2003), que, já no ano seguinte, seria oficializado no calendário da FESX como etapa de Vila Velha do CEAX.

Enquanto nos inscrevia – eu e meu irmão Leonardo Fernandes – para o torneio, foi nos apresentando àquele novo mundo que surgia em nossas vidas. Do que se construiu, naquele dia, uma afinidade inicial, calcada no xadrez.

Com o fim da competição, vencida pelo Walter, eu e o Léo nos afastamos um pouco do xadrez. Saciados, após aquela maratona extenuante, só pretendíamos voltar a jogar um novo torneio no ano seguinte. Enquanto isto, voltaríamos a disputar somente o campeonato mundial lá de casa...

Foi então que, em meio a esta hibernação, o Osmar novamente apareceu.

Com a obstinação de uma saúva e a paciência de um monge, iniciou sua catequese para a formação de um núcleo enxadrístico no Estado, em parceria com Isaías Sabadini, tendo por base o quiosque Taça de Ouro, em Coqueiral de Itaparica, espaço cedido pelo próprio Isaías para a prática do xadrez.

Aos poucos, foi arrebanhando enxadristas de diversos países, culturas e classes sociais que “sabiam, mas não encontravam com quem jogar”, como ouvi várias vezes. Vale dizer, ricos, pobres, pretos, brancos, craques, capivaras, tchecos, alemães, argentinos, suíços, paulistas, cariocas, gaúchos, mato-grossenses, paraenses já jogaram por lá, desde então. E, muitos destes, graças à persistência do Osmar.

Eu me considero um deles e, freqüentando as tardes de sábado do Taça, pude conhecer melhor este incrível personagem e sua história de amor e devoção ao xadrez.

Fiquei sabendo, por exemplo, que o que para mim soava como novidade – a existência de um núcleo capixaba de xadrez –, para ele representava a continuidade de um processo iniciado em Santos, na década de setenta.

Jogando, quer no Clube de Xadrez de Santos ou com a turma de São Vicente, quer representando a COSIPA – Companhia Siderúrgica Paulista –, onde trabalhava, nos torneios de que a empresa participava, Osmar logo adquiriu cancha em torneios – não foi à toa que venceu os dois últimos que disputou – e, paralelamente, foi coletando o material com o qual montou um acervo histórico daquele tempo. Infelizmente, quase todo este material foi surrupiado de seu dono por um sujeito inescrupuloso, para dizer o mínimo do f.d.p..

Dentre suas vítimas da época, a mais famosa foi o bicampeão brasileiro de 1963 e 1968, Hélder Câmara. Aliás, se estiver lendo esta crônica, provavelmente o Osmar vai dizer “É, mas foi em uma simultânea, etc...”. Porém, sei que esta é a maneira sempre elegante que ele tem de não se vangloriar de seus feitos.

Sei também que, tentado pelo óbvio, eu poderia, dando continuidade aos parágrafos anteriores, aduzir aqui uma série de fatos que, ao final, dariam ao leitor a falsa impressão de ter conhecido melhor a história que o Osmar escreveu a quatro mãos com o xadrez.

Mas assim eu estaria fugindo do verdadeiro espírito desta crônica, o qual apresentei de início, metaforicamente, por meio da breve alusão às sementes.

Osmar tem com o xadrez a mesma relação de uma semente para com o material genético nela contido. Em períodos de estiagem, ele conserva este material intacto, abrigado das intempéries – assim foi quando de sua longa parada, nos anos oitenta e boa parte dos noventa –, e, quando em época fecunda e lugar propício, o faz se multiplicar e dar frutos.

Não por acaso, diversas vezes o vi chegar mais cedo ao Taça de Ouro e espalhar sobre as mesas tabuleiros e peças. Ou, outras vezes, em tardes de chuva, ajudando o Isaías a improvisar um toldo com uma lona de caminhão.

Nesse tempo, o quiosque ainda não havia sido reformado, e, às vezes, criar as condições para jogar xadrez era quase tão difícil quanto jogá-lo. Por outro lado, havia um certo romantismo enxadrístico contido naquele esforço, que se revelava na mesma medida em que cresciam as adversidades.

Assim, quando eu soube o Osmar venceu a última etapa de classificação do CIMAX de Vitória 2005 – que, bem salientou o Presidente da FESX em editorial recente, contou com a participação dos dois maiores *ratings* do Estado – e, em seguida, a grande final, pensei comigo: nada mais recíproco do xadrez para com quem tanto se lhe doou do que consagrar Osmar Schmidt como primeiro campeão de Vitória!

Engana-se, porém, quem pensa que se encerra aí a carreira do “Seu Schmidt”. Ele está voaaando e fim da linha, por enquanto, só mesmo na brincadeira do próprio Osmar, quando diz: “Agora eu vou fazer como o Kasparov e me aposentar, enquanto ainda estou no topo”.

Para bom entendedor, o sorriso que ele abre quando diz isto significa que ele está apenas começando, como o fez, ainda outro dia, em Santos.

Enfim, para ilustrar esta crônica escolhi a partida que lhe deu o título máximo de Vitória, contra Guilherme Abreu. Nem mesmo sua vitória contra Hélder Câmara ou a miniatura que aplicou no PC – Paulo César Vieira, terceiro campeão capixaba – poderiam roubar da primeira o lugar de destaque adquirido de nascença.

Amigo Osmar, esta crônica simboliza o reconhecimento que tenho pelo seu trabalho em prol do xadrez aqui no Estado. Sei que, onde você estiver, haverá sempre um tabuleiro aberto para aqueles que queiram se aventurar no inesgotável labirinto de possibilidades que este jogo nos proporciona.

Não por acaso, você é a semente do xadrez mencionada no título.

III

Schmidt, Osmar x Abreu, Guilherme – Final do CIMAX de Vitória 2005 – D02

1. **d4 d5**
2. **Cf3 Cf6**
3. **Bf4! ...**

Eis o Sistema Londres, sua marca registrada!

3. ... **e6**
4. **e3 Be7**
5. **Ce5 O-O**
6. **Bd3 ...**

O arsenal já está apontado para o roque adversário: bispo mirando **h7**, cavalo a controlar **f7** e **g6**, e dama pronta para entrar em jogo em **g4**, depois de remover o incômodo cavalo de **f6** das pretas.

A propósito, o Sérgio Lage, que, de brancas, também adota o Sistema Londres, andou tomando algumas aulas pela Internet. Lá pelas tantas, seu professor, avesso aos perigos desta linha de jogo, lhe disse, textualmente: “Pare de jogar isso!”

Mal sabe ele que o contra-estímulo de sua sentença vem da própria Internet: um livro intitulado “Vença com o Sistema Londres”, escrito por S. Johnsen e o GM V. Kovacevic, encabeça a lista dos seus defensores – a quem possa interessar, o mesmo pode ser encontrado no endereço <http://www.gambitbooks.com/>, juntamente com outros títulos da editora.

Diga-se de passagem, trata-se aqui do mesmo Kovacevic que, jogando de pretas, estareceu os olhares do mundo do xadrez, em 1970, quando, à época ainda MI, amassou ninguém

menos que Bobby Fischer em uma linha da Defesa Francesa, em Rovinj/Zagreb – torneio vencido pelo próprio Fischer, com impressionantes treze em dezessete, dois pontos a frente do segundo colocado –, partida esta disponível no ChessBase 9.0.

6. ... c5

Guilherme tenta explorar, o quanto antes, a ala da dama. Jogando **6. ... Cc6**, o jogo ficaria truncado para ele.

7. c3 b6?

Este lance natural não é bom para as pretas. A idéia é fianquetar o bispo, explorando a diagonal longa: uma ilusão que me fez ficar inferior contra o próprio Osmar, no CEAX de Vitória de 2005.

8. Cd2 ...

Osmar completou o seu desenvolvimento e agora vai partir com tudo para o ataque.

8. ... Bb7

9. h4 Ce4

10. Dg4! ...

Guilherme desguarneceu **g4** e a dama branca entra em jogo, pressionando ainda mais o roque adversário.

10. ... f5

11. Dh3 Cd7

12. Cdf3! ...

Osmar sabe da importância deste cavalo em **e5**, base para, citando ele próprio, “estourar tudo” e vencer a partida.

12. ... Cxe5

13. Cxe5 cxd4

14. exd4! ...

O peão certo! Agora Guilherme se vê diante de muito trabalho para evoluir na ala da dama. Além disso, o bispo fianquetado em **b7** continua a pregar no deserto.

14. ... Tc8

15. f3 ...

Um lance coerente. Osmar gosta do cavalo plantado em **e5** tanto quanto lhe causa ojeriza esse cavalo aí em **e4**.

15. ... Cf6

16. Bg5 b5

Guilherme sai em busca do(s) tempo(s) perdidos. Será que dá?

17. Bxf6 Txf6?

Ao menos **17. ... Bxf6** colocaria um dos bispos em jogo.

18. h5 b4

19. g4 ...

Quem vai chegar primeiro?

19. ... bxc3

20. bxc3 Txc3

21. gxf5 Da5

22. O-O Da4

23. Dg4 Bc8

24. Tfc1 Da3

25. Txc3 Dxc3

26. Tf1 exf5

27. Df4!! ...

O quê é a experiência de vida!!

Se o leitor aprecia uma boa moqueca de lagosta, saberá que uma das melhores do Espírito Santo é feita às margens do Rio Doce, logo depois de atravessada a ponte que une Colatina a São Silvano – no sentido de quem vai da primeira para a segunda –, num conhecido restaurante da região.

Entretanto, os partidários do pescoço-de-peru, mais raros, muitas vezes não sabem onde encontrar este fino petisco da culinária aviária.

O Osmar sabe! Fica perto de onde se vende a moqueca de lagosta.

Talvez daí tenha conseguido, em um único lance, deixar torre e bispo das pretas – o mesmo que desistira do *fianchetto*, alguns lances atrás – sem muito o que fazer, ao menos por enquanto. Não obstante, o lance do texto defende o peão de **d4**, por onde Guilherme poderia escoar seu contra-jogo, e ainda prepara a surpresa que virá na seqüência.

O quê isto tem a ver com o pescoço da citada ave, o leitor logo ficará sabendo.

27. ... Bd8??

Guilherme simplesmente não viu o golpe tático do próximo lance!

28. Tc1! ...

Gluglu! Com este pescoço-de-peru, em que a coluna **c1-c8** une o tronco à cabeça, com a dama, situada no pomo, dando suporte à infiltração da torre na defesa contrária, Osmar está prestes a capturar uma peça inteira, se aproximando da vitória ... e do título!

28. ... Da5

29. Txc8 ...

Quando analisamos esta partida, no Taça de Ouro, poucos instantes após ter sido jogada, não perdi a chance de perguntar ao Osmar, ainda no calor da conquista, como ele havia se sentido após este lance. Ao que ele, de bate-pronto, respondeu com a simplicidade própria dos verdadeiros mestres: “Eu me senti bem”.

29. ... Th6!

Este incômodo peão de **h5** já devia ter sido eliminado. É isto que Guilherme pretende com **29. ... Th6**. Ainda há chances de vitória para as pretas!

30. Dh4!! ...

Havia!! Mas este lance de defesa e ataque praticamente sela a partida em favor das brancas. A dama preta não tem mais o sonhado acesso a **e1**, que pretendia fazer no último momento. A torre continua manietada na sexta fileira, sem nada fazer. Para culminar, o bispo, cravado até a barra da batina, agora está sendo atacado por duas peças.

Osmar não está para brincadeira, e segue descendo a jurumba...

30. ... Tf6

31. Cd7?? ...

Aqui, Francisco Costa indicou o caminho correto: **31. Cc6!**, e dificilmente as pretas não abandonariam! Além disto, se agora **31. ... Tf8!**, as brancas teriam de frear seu ímpeto por mais alguns lances.

31. ... Rf7??

Esse lance amplia ainda mais a vantagem das brancas.

32. Cxf6 Bxf6

33. Df4 De1+

34. Bf1 Dd1

35. Tc7+ Re8

36. Tb7 Bxd4+

Guilherme tenta desesperadamente encontrar uma linha que leve a partida ao empate.

37. Rg2 Dc2+

38. Rh3! ...

Há um lugar mágico no ideário osmario, chamado “O Cantinho do Botina”. Um lugar onde a cerveja está sempre gelada, ao som do melhor do *jazz*. Lá, tal como na Pasárgada de Manuel Bandeira, os homens são amigos do rei.

No caso, tão amigos que é lá que o próprio rei vai se refugiar dos sucessivos xeques: no Cantinho do Botina!

38. ... Bf6

39. Db8+ Bd8

40. Bb5+

1-0

Osmar Raulino Schmidt, primeiro Campeão Municipal de Vitória!

*